

No grande adeus

*Reunião pública de 3-11-61.
2.ª Parte — Cap. I — Item 13.*

Cerraste os olhos dos entes amados, orvalhando-lhes o rosto inerte com as lágrimas que te corriam da ternura despedaçada, e inquiriste, sem palavras, para onde se dirigiam no grande silêncio.

Disseste adeus, procurando debalde aquecer-lhes as mãos frias, desfalecentes nas tuas, e colaste neles o ouvido atento, no peito hirto, indagando do coração prostrado a razão por que parou de bater.

Entretanto, o vaso impassível nada pode informar, quanto à destinação do perfume.

*

Ergue as antenas da prece, no santuário da tua alma, e perceberás o verbo inarticulado dos que partiram...

Saberás, então, que te comungam a dor, estendendo-te as mãos ansiosas. Arroçados à vida nova, querem dizer-te que ressurgiram. Extasiados, perante o sol que a imortalidade lhes apresenta, suspiram por transfundir a saudade e o amor, no cálice da esperança, para que não desfaleças.

Libertos do cárcere em que ainda te encontras, rogam-te paz e conformação, para que possam, enfim, demandar a renascente manhã que lhes acena dos cimos...

Não lhes craves nos ombros a cruz da aflição, nem lhes turves a mente, no nevoeiro de pranto que te verte da angústia.

*

Honra-lhes a memória, abraçando os deveres que te legaram, e ajuda-os para que avancem com a tua bênção, de modo a te prepararem lugar, na pátria comum, em que todos nos reuniremos um dia.

São agora companheiros que te pedem fidelidade e consolo para que te confortem, à maneira da árvore que solicita a rega da fonte a fim de preservá-la contra a secura.

Ante o fel da separação, trabalha com paciência e confia neles!... E quando a agonia da suposta distância te constrinja os refolhos do espírito, deixa que eles próprios te falem ao pensamento, sob a luz da oração.

